



Franciscus



# CARTA DO PAPA FRANCISCO AO POVO DE DEUS





## LER COM ATENÇÃO, MEDITAR COM CARINHO!

“Se um membro sofre, todos os membros  
sofrem com ele” (1Cor 12,26)

**P**ela primeira vez um papa escreve de forma direta, uma carta endereçada a todo o Povo de Deus, ou seja, a todos os fiéis batizados. Partindo dos tristes acontecimentos referentes aos abusos de menores e vulneráveis na Igreja, o Papa faz um importante apelo, cheio de confiança, na ação dos leigos, grande esperança para toda a Igreja.

Nesta carta, o Papa pede que cada batizado se sinta envolvido nas transformações eclesiais e sociais de que tanto necessitamos. Para isto, somos convidados a entrarmos em um processo de conversão pessoal e comunitária. Conversão para Cristo, para seu Evangelho, o qual propõe um novo modo de vida, com valores bem definidos, centrados no amor-serviço.

O Papa convida a todos para combater o “clericalismo”, favorecido pelos sacerdotes e pelos leigos também. O clericalismo, segundo o Papa, ajuda a perpetuar os males na Igreja: “Dizer não ao abuso, é dizer energicamente não a qualquer forma de clericalismo”, escreve o Papa. Isto porque por detrás da maioria dos males na Igreja está o abuso do poder, tanto de padres como de leigos.

Que nossa Igreja de Santo André ouça o apelo desta carta e continue trilhando o caminho de uma Igreja sinodal. Igreja participativa, inclusiva, acolhedora e missionária.

Conversão à vida comunitária, ao amor-serviço e à primazia de Jesus Cristo na vida de todos os batizados, esta é a exortação do Papa nesta carta, para que nossa ação pastoral evangelizadora dê bons frutos.

Vamos lê-la com atenção e meditá-la com carinho.

Deus abençoe a todos.

**Dom Pedro Carlos Cipollini**  
Bispo Diocesano de Santo André







# CARTA DO PAPA FRANCISCO AO POVO DE DEUS

"Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele" (1 Co 12, 26). Estas palavras de São Paulo ressoam com força no meu coração ao constatar mais uma vez o sofrimento vivido por muitos menores por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Um crime que gera profundas feridas de dor e impotência, em primeiro lugar nas vítimas, mas também em suas famílias e na inteira comunidade, tanto entre os crentes como entre os não-crentes. Olhando para o passado, nunca será suficiente o que se faça para pedir perdão e procurar reparar o dano causado. Olhando para o futuro, nunca será pouco tudo o que for feito para gerar uma cultura capaz de evitar que essas situações não só não aconteçam, mas que não encontrem espaços para serem ocultadas e perpetuadas. A dor das vítimas e das suas famílias é também a nossa dor, por isso é preciso reafirmar mais uma vez o nosso compromisso em garantir a proteção de menores e de adultos em situações de vulnerabilidade.

## *1. Um membro sofre?*

Nestes últimos dias, um relatório foi divulgado detalhando aquilo que vivenciaram pelo menos 1.000 sobreviventes, vítimas de abuso sexual, de poder e de consciência, nas mãos de sacerdotes por aproximadamente setenta anos. Embora seja possível dizer que a maioria dos casos corresponde ao passado, contudo, ao longo do tempo, conhecemos a dor de muitas das vítimas e constatamos que as feridas nunca desaparecem e nos obrigam a condenar veementemente essas atrocidades, bem como unir esforços para erradicar essa cultura da morte; as feridas "nunca prescrevem". A dor dessas vítimas é um gemido que clama ao céu, que alcança a alma e que, por muito tempo, foi ignorado, emudecido ou silenciado. Mas seu grito foi mais forte do que todas as medidas que tentaram silenciá-lo ou, inclusive, que procuraram resolvê-lo com decisões que aumentaram a gravidade caindo na cumplicidade. Clamor que o Senhor ouviu, demonstrando, mais uma vez, de que lado Ele quer estar. O cântico de Maria não se equivoca e continua a se sussurrar ao longo da história, porque o Senhor se lembra da promessa que fez a nossos pais: "dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias" (Lc 1, 51-53), e sentimos vergonha quando



percebemos que o nosso estilo de vida contradisse e contradiz aquilo que proclamamos com a nossa voz.

Com vergonha e arrependimento, como comunidade eclesial, assumimos que não soubemos estar onde deveríamos estar, que não agimos a tempo para reconhecer a dimensão e a gravidade do dano que estava sendo causado em tantas vidas. Nós negligenciamos e abandonamos os pequenos. Faço minhas as palavras do então Cardeal Ratzinger quando, na Via Sacra escrita para a Sexta-feira Santa de 2005, uniu-se ao grito de dor de tantas vítimas, afirmando com força: "Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência!... A traição dos discípulos, a recepção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração. Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: *Kyrie, eleison* – Senhor, salvai-nos (cf. Mt 8, 25)" (Nona Estação).

## *2. Todos os outros membros sofrem com ele.*

A dimensão e a gravidade dos acontecimentos obrigam a assumir esse fato de maneira global e comunitária. Embora seja importante e necessário em qualquer caminho de conversão tomar conhecimento do que aconteceu, isso, em si, não basta. Hoje, como Povo de Deus, somos desafiados a assumir a dor de nossos irmãos feridos na sua carne e no seu espírito. Se no passado a omissão pode tornar-se uma forma de resposta, hoje queremos que seja a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, a tornar-se o nosso modo de fazer a história do presente e do futuro, num âmbito onde os conflitos, tensões e, especialmente, as vítimas de todo o tipo de abuso possam encontrar uma mão estendida que as proteja e resgate da sua dor (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 228). Essa solidariedade exige que, por nossa vez, denunciemos tudo o que possa comprometer a integridade de qualquer pessoa. Uma solidariedade que exige a luta contra todas as formas de corrupção, especialmente a espiritual "porque trata-se duma cegueira cômoda e autossuficiente, em que tudo acaba por parecer lícito: o engano, a calúnia, o egoísmo e muitas formas sutis de autorreferencialidade, já que "também Satanás se disfarça em anjo de luz" (2 Cor 11, 14)" (Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 165). O chamado de Paulo para sofrer com quem sofre é o melhor antídoto contra qualquer tentativa de continuar reproduzindo entre nós as palavras de Caim: "Sou, porventura, o guardião do meu irmão?" (Gn 4, 9).





Reconheço o esforço e o trabalho que são feitos em diferentes partes do mundo para garantir e gerar as mediações necessárias que proporcionem segurança e protejam a integridade de crianças e de adultos em situação de vulnerabilidade, bem como a implementação da “tolerância zero” e de modos de prestar contas por parte de todos aqueles que realizem ou acobertem esses crimes. Tardamos em aplicar essas medidas e sanções tão necessárias, mas confio que elas ajudarão a garantir uma maior cultura do cuidado no presente e no futuro.

Juntamente com esses esforços, é necessário que cada batizado se sinta envolvido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos. Tal transformação exige conversão pessoal e comunitária, e nos leva dirigir os olhos na mesma direção do olhar do Senhor. São João Paulo II assim o dizia: "se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar" (Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 49). Aprender a olhar para onde o Senhor olha, estar onde o Senhor quer que estejamos, converter o coração na Sua presença. Para isso nos ajudarão a oração e a penitência. Convido todo o Povo Santo fiel de Deus ao exercício penitencial da oração e do jejum, seguindo o mandato do Senhor[1], que desperte a nossa consciência, a nossa solidariedade e o compromisso com uma cultura do cuidado e o “nunca mais” a qualquer tipo e forma de abuso.

É impossível imaginar uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus. Além disso, toda vez que tentamos suplantar, silenciar, ignorar, reduzir em pequenas elites o povo de Deus, construímos comunidades, planos, ênfases teológicas, espiritualidades e estruturas sem raízes, sem memória, sem rostos, sem corpos, enfim, sem vidas[2]. Isto se manifesta claramente num modo anômalo de entender a autoridade na Igreja - tão comum em muitas comunidades onde ocorreram as condutas de abuso sexual, de poder e de consciência - como é o clericalismo, aquela "atitude que não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo"[3]. O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma ruptura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciemos hoje. Dizer não ao abuso, é dizer energeticamente não a qualquer forma de clericalismo.

É sempre bom lembrar que o Senhor, "na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-



nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo" (Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 6). Portanto, a única maneira de respondermos a esse mal que prejudicou tantas vidas é vivê-lo como uma tarefa que nos envolve e corresponde a todos como Povo de Deus. Essa consciência de nos sentirmos parte de um povo e de uma história comum nos permitirá reconhecer nossos pecados e erros do passado com uma abertura penitencial capaz de se deixar renovar a partir de dentro. Tudo o que for feito para erradicar a cultura do abuso em nossas comunidades, sem a participação ativa de todos os membros da Igreja, não será capaz de gerar as dinâmicas necessárias para uma transformação saudável e realista. A dimensão penitencial do jejum e da oração ajudar-nos-á, como Povo de Deus, a nos colocar diante do Senhor e de nossos irmãos feridos, como pecadores que imploram o perdão e a graça da vergonha e da conversão e, assim, poderemos elaborar ações que criem dinâmicas em sintonia com o Evangelho. Porque "sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo actual" (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 11).

É imperativo que nós, como Igreja, possamos reconhecer e condenar, com dor e vergonha, as atrocidades cometidas por pessoas consagradas, clérigos, e inclusive por todos aqueles que tinham a missão de assistir e cuidar dos mais vulneráveis. Peçamos perdão pelos pecados, nossos e dos outros. A consciência do pecado nos ajuda a reconhecer os erros, delitos e feridas geradas no passado e permite nos abrir e nos comprometer mais com o presente num caminho de conversão renovada.

Da mesma forma, a penitência e a oração nos ajudarão a sensibilizar os nossos olhos e os nossos corações para o sofrimento alheio e a superar o afã de domínio e controle que muitas vezes se torna a raiz desses males. Que o jejum e a oração despertem os nossos ouvidos para a dor silenciada em crianças, jovens e pessoas com necessidades especiais. Jejum que nos dá fome e sede de justiça e nos encoraja a caminhar na verdade, dando apoio a todas as medidas judiciais que sejam necessárias. Um jejum que nos sacuda e nos leve ao compromisso com a verdade e na caridade com todos os homens de boa vontade e com a sociedade em geral, para lutar contra qualquer tipo de abuso de poder, sexual e de consciência.

Desta forma, poderemos tornar transparente a vocação para a qual fomos chamados a ser "um sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (Conc. Ecum. Vat. II,



*Lumen gentium*, 1).

"Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele", disseram São Paulo. Através da atitude de oração e penitência, poderemos entrar em sintonia pessoal e comunitária com essa exortação, para que cresça em nós o dom da compaixão, justiça, prevenção e reparação. Maria soube estar ao pé da cruz de seu Filho. Não o fez de uma maneira qualquer, mas permaneceu firme de pé e ao seu lado. Com essa postura, Ela manifesta o seu modo de estar na vida. Quando experimentamos a desolação que nos produz essas chagas eclesiais, com Maria nos fará bem "insistir mais na oração" (cf. S. Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais, 319), procurando crescer mais no amor e na fidelidade à Igreja. Ela, a primeira discípula, nos ensina a todos os discípulos como somos convidados a enfrentar o sofrimento do inocente, sem evasões ou pusilanimidade. Olhar para Maria é aprender a descobrir onde e como o discípulo de Cristo deve estar.

Que o Espírito Santo nos dê a graça da conversão e da unção interior para poder expressar, diante desses crimes de abuso, a nossa compunção e a nossa decisão de lutar com coragem.

*Franciscus*  
**Francisco**

Cidade do Vaticano, 20 de Agosto de 2018



[1] "Esta espécie de demonios não se expulsa senão à força de oração e de jejum" Mt 17, 21.

[2] Cf. Carta do Santo Padre Francisco ao Povo de Deus que peregrina no Chile, 31 de Maio de 2018.

[3] Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, 19 de Março de 2018.





## QUERIDO POVO DE DEUS!

Pe. Everton Gonçalves Costa  
Coordenador Diocesano de Pastoral

*“Ide pelo mundo inteiro e anuncia a Boa Nova a toda criatura!”*  
(Mc 16,15)

Com alegria conseguimos dar mais este passo de formação e crescimento enquanto Diocese de Santo André. Rumo aos 70 anos de nossa Igreja Diocesana, podermos nos reunir para uma formação como esta é uma grande graça e gesto simbólico de unidade e partilha!

Formar o povo de Deus para a missão evangelizadora nos dias de hoje é uma tarefa de fundamental importância. Num mundo marcado pelo individualismo e pelo fechamento, precisamos romper tudo que nos separa e buscar a unidade, a comunhão e a fraternidade entre nós.

Em sintonia com nosso 8º Plano Diocesano de Pastoral, surgiu a ideia desta semana de formação para favorecer a convivência entre todos os agentes de pastorais, a integração entre as paróquias das regiões, numa espiritualidade que nos ajude a gerar acolhimento e missão.

Para sermos uma Igreja em que todos caminham juntos, precisamos nos formar constantemente e perceber que a missão evangelizadora perpassa todas as dimensões eclesiais, de modo que a unidade do povo de Deus, dada pela dignidade batismal, forma o Corpo místico de Cristo, que é a Igreja, Mistério do amor de Deus que congrega a diversidade de dons e carismas sem jamais perder a unidade. Este povo deve anunciar sua fé, celebrar o amor, partilhar a vida e os dons, caminhar em missão sem jamais perder a esperança.

Desejo que os frutos desta Semana de Formação possam fortalecer a cada um dos participantes para continuarmos colocando em prática a Acolhida e a Missão em nossas comunidades, concretizando o sonho missionário de chegar a todos, anunciando o Evangelho de Jesus com alegria e perseverança.

Que Santo André Apóstolo interceda por todos os evangelizadores de nossa Diocese!



## ORAÇÃO A SANTO ANDRÉ APÓSTOLO

Santo André Apóstolo, padroeiro de nossa Igreja Diocesana, a vós me dirijo na esperança e na fé, intercedei por mim diante de Deus. Vós fostes escolhido e chamado por Jesus Cristo, para fazer parte do número dos apóstolos que o seguiram de perto, participando de suas aflições e suas dores. Por isso creio que estás glorificado com Ele. Vós fostes missionário da primeira hora. Levastes até Jesus vosso irmão Simão, que recebeu Dele o novo nome de Pedro. Leve-me até Jesus todos os dias de minha vida para que Nele eu encontre a salvação e seja, em virtude de meu batismo, feito missionário do Evangelho.

Vós que acolhestes os que queriam ver Jesus apresentando-os a Ele, ensina-me a ser acolhedor, a trabalhar para que nossa Igreja seja acolhedora e misericordiosa.

Vós que ajudastes a organizar o povo faminto e favorecestes o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, ajuda-me a ser solidário e contribuir para que nossas comunidades vivam a comunhão, participação e partilha.

**SANTO ANDRÉ APÓSTOLO, ROGAI POR NÓS!**

*Oração escrita por Dom Pedro Carlos Cipollini, Bispo Diocesano de Santo André*